

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

**O PESO DO *BILDUNGSROMAN* E A LEVEZA DO FOLHETIM: UM ESTUDO DE JANE EYRE, DE CHARLOTTE BRONTË**

**THE HEAVY OF THE *BILDUNGSROMAN* AND THE LIGHTNESS OF THE FEUILLETON: A STUDY BY JANE EYRE, BY CHARLOTTE BRONTË**

Lídia Maria Guimarães de Miranda<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho será realizado um estudo sobre o clássico da literatura inglesa *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë (1816-1855), a fim de se refletir sobre o seu enredo, personagens, espaço-tempo, contexto histórico e panorama crítico. O objetivo do trabalho é organizar uma abordagem do romance enquanto um livro que flutua entre a novela folhetinesca e o *Bildungsroman* feminino. Para isso, utilizamos como base teórica os autores: Bennet (1934), Soares (2007), Hauser (1982), Moisés (1987) para refletirmos sobre a noção de novela; Silveira, Sangaletti e Wagner (2018), Silva (2015), Moisés (1985) e Hauser (1982) para discutirmos sobre o folhetim; e Maas (2000), Carvalho (2010) e Aguiar e Silva (1991) para a abordagem sobre o *Bildungsroman*.

**Palavras-chave:** Novela. Folhetim. *Bildungsroman*. *Jane Eyre*.

**Abstract:** In this work, a study will be carried out on the classic of English literature *Jane Eyre*, by Charlotte Brontë (1816-1855), in order to reflect on its plot, characters, space-time, historical context and critical panorama. The objective of the work is to organize an approach to the novel as a book that fluctuates between the serial novel and the female *Bildungsroman*. To do this, we use the following authors as a theoretical basis: Bennet (1934), Soares (2007), Hauser (1982), Moisés (1987) to reflect on the notion of soap opera; Silveira, Sangaletti and Wagner (2018), Silva (2015), Moisés (1985) and Hauser (1982) to discuss the serial; and Maas (2000), Carvalho (2010) and Aguiar e Silva (1991) for their approach to the *Bildungsroman*.

**Keywords:** Soap opera. Leaflet. *Bildungsroman*. *Jane Eyre*.

## 1 INTRODUÇÃO

*Jane Eyre* foi o segundo romance escrito por Charlotte Brontë e teve sua publicação no ano de 1847. Brontë ainda escreveu mais três romances: *The Professor* (1847); *Villette* (1853) e *Shirley*

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras-Inglês. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – campus de Marabá. E-mail: [lidiammg17@gmail.com](mailto:lidiammg17@gmail.com).

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

(1849). A autora exerce lugar de destaque no cânone da Literatura Inglesa, mas dentre os seus quatro romances, a narrativa aqui analisada foi a mais consagrada. Charlotte e suas irmãs Emily e Anne Brontë eram romancistas. As obras das irmãs Brontë são sempre reconhecidas pelos seus elementos autobiográficos presentes nas narrativas. Com efeito, segundo Carmelinda Carvalho e Silva (2021, p. 40), *Jane Eyre* pode ser visto como um romance autobiográfico “no qual a narradora conta sua trajetória formativa, desde os 10 anos de idade até os seus, em média, 28 anos de idade”.

A obra foi inicialmente publicada em três volumes, sob o pseudônimo de Currer Bell. No livro, Brontë narra com propriedade o contexto histórico, social e cultural pelos quais a Inglaterra passava, a chamada Era Vitoriana – um período marcado pelo destaque da Inglaterra como potência industrial, em que as descobertas científicas, tecnológicas e a economia próspera estavam em ascensão. Diante do novo cenário, a Inglaterra ficou dividida em duas classes: a trabalhadora e a burguesa.

De acordo com Elis Alves (2020, p. 301), a obra de Brontë revela uma protagonista como uma mulher “que luta para consolidar-se como pessoa atuante em uma sociedade onde o principal papel da mulher era de ser esposa e mãe”. A narrativa conta a história da protagonista Jane Eyre, uma órfã que tem seu crescimento emocional/moral desenvolvido em fases da sua vida. Cada fase faz parte de um lugar por onde a personagem narradora passou: a infância em Gateshead com a tia e os primos; em Lowood School, onde estudou e, posteriormente, trabalhou como professora; em Thornfield, onde foi preceptora da menina Adele e onde conheceu o Sr. Rochester; em Moor House, com a família Rivers – posteriormente descobre que são seus primos – e, por último, retorno a Thornfield somado ao casamento em Ferndean com o Sr. Rochester. A narrativa também conta a história de amor entre uma funcionária (Jane) e seu patrão (Rochester), na qual, apesar das convenções sociais e das barreiras econômicas, no fim, o amor vence.

Charlotte Brontë cria uma personagem que faz questionamentos sobre as situações que lhe eram impostas, atitude incomum exercida pelas mulheres daquela época, ainda mais Jane sendo tão jovem. Brontë dá vida a uma heroína que sempre quis exercer seu direito de ser uma mulher livre,

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

que estabeleceu suas próprias escolhas e não se deixou ser usada como um mero objeto de manipulação pela sociedade patriarcal. O romance foi alvo de muitos comentários, tanto bons quanto ruins, na época em que foi publicado, por relatar a história de uma mulher que foge dos padrões e estereótipos da sociedade em que estava inserida. A obra desafiou os costumes e convenções sociais de sua época; para Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000), *Jane Eyre* é:

[...] uma história de confinamento e fuga, um romance de formação feminino, em que os problemas encontrados pela protagonista, enquanto ela luta desde o aprisionamento de sua infância em direção a um objetivo quase impensável de liberdade madura, são sintomas das dificuldades que todas as mulheres em uma sociedade patriarcal devem enfrentar e superar: opressão (em Gateshead), fome (em Lowood), loucura (em Thornfield) e frieza (em Marsh End) (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 339 – tradução nossa)<sup>2</sup>.

O romance apresentou algo nunca visto antes – a jornada de uma protagonista feminina em uma narrativa escrita por uma mulher. Brontë levou ao público a história de uma pobre jovem órfã, excluída e desprezada, e aproveitou para inserir em sua narrativa a exposição da sociedade patriarcal através de críticas veladas. De acordo com Rebecca Fraser (2008): “Muitos vitorianos viram *Jane Eyre* como expressão do descontentamento de Brontë com a estrutura da classe social” (FRASER, 2008, p. 56 – Tradução nossa)<sup>3</sup>.

O romance apresenta relevantes questionamentos a respeito do papel da mulher e sua função na sociedade em que estava inserida. Trata-se de uma obra que trouxe para o público a ideia de

---

<sup>2</sup> “(...) a story of enclosure and escape, a distinctively female Bildungsroman in which the problems encountered by the protagonist as she struggles from the imprisonment of her childhood toward an almost unthinkable goal of mature freedom are symptomatic of difficulties Everywoman in a patriarchal society must meet and overcome: oppression (at Gateshead), starvation (at Lowood), madness (at Thornfield), and coldness (at Marsh End)” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 339).

<sup>3</sup> “Many Victorians saw *Jane Eyre* as an expression of Brontë’s discontent with the social class structure” (FRASER, 2008, p. 56).

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

liberdade feminina frente ao sistema patriarcal. Dentro dessa perspectiva, o trabalho de Charlotte Brontë foi visto por muitos como influência negativa sob o aspecto moral e social. Nas palavras de Karina Kurtz (2020, p. 29), a personagem principal da obra é uma “heroína que vem representar a maioria das insatisfações de seu período e da classe média. Assim como ela também reflete toda a cultura feminina da qual ela faz parte, suas insatisfações, temores e desejos”.

A narrativa também foi considerada dramática por alguns pesquisadores, como Danielle Lima (2008), para quem:

(...) *Jane Eyre* é um romance dramático e trágico. Isto é ainda mais evidente se pensarmos nos elementos definidores de um romance dramático, de acordo com a proposta de Muir. O cenário, constituído por algumas poucas localidades, porém bem definidas (Gateshead Hall, Lowood School, Thornfield Hall, Moor House, Ferndean), é estratégico para a atuação de paixões humanas universais – amor, raiva, amizade, honra, vergonha, culpa, orgulho, ambição, entre outras (LIMA, 2008, p. 201-202).

*Jane Eyre* também traz em sua narrativa polêmicas que envolvem religião e os papéis sociais de um contexto histórico, onde o papel da mulher está sempre sendo questionado pela autora, mas de forma implícita. Kurtz (2020, p. 43), por exemplo, entende que é importante frisar “que Jane representa o descontentamento feminino com o período, o desejo de liberdade total, não em migalhas, o poder de transformar e explorar suas identidades com direito a respeito, dignidade, integridade e reconhecimento social”.

A obra foi um verdadeiro sucesso na época em que foi publicada, e com o passar dos anos ganhou ainda mais destaques e chamou atenção das mais diversas correntes críticas. No ensaio “Charlotte Brontë”, publicado no *The Common Reader I*, em 1916, a escritora Virginia Woolf teceu importantes considerações em relação ao trabalho de Brontë; dentre tais afirmações, Woolf “acrescenta que Charlotte tem o poder de prender o leitor em *Jane Eyre*, embora sua própria voz não

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

deixe de ser ouvida em nenhum momento nas falas das personagens” (CAMARGO, 2001, p. 68); Virginia Woolf, portanto, descreve Charlotte Brontë como a própria heroína do seu romance.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Brontë trazia elementos que não condiziam com época, como, por exemplo, o fato de haver uma personagem forte e obstinada a conseguir o seu lugar no mundo; ademais, sendo alguém que luta pela própria sobrevivência através do trabalho como preceptora, estabelecendo tratamento igual com os outros personagens e tendo opinião formada acerca dos assuntos que chegam ao seu conhecimento.

São múltiplos os desdobramentos narrativos possibilitados pela obra. Dessa forma, podemos entender que a narrativa Jane Eyre contém elementos próprios de uma novela folhetinesca. Segundo Bennet (1934), a novela é “definida como uma narrativa em prosa, sobre uma única situação, conflito, evento ou aspecto de uma personalidade; narra algo não usual ou absurdo e tem apenas um centro de interesse” (BENNET, 1934, p. 18). No caso do romance de Brontë, a narrativa gira em torno do desenvolvimento da personagem principal, Jane, que apresenta ao leitor as diversas situações pelas quais passou até o alcance do seu objetivo final, o desejo de se tornar uma mulher independente financeiramente e de ser amada.

Nas palavras de Angélica Soares (2007, p. 54), no gênero novela percebemos a construção de um enredo unilinear, onde predomina “a ação sobre as análises e as descrições e são selecionados os momentos de crise, aqueles que impulsionam rapidamente a diegese<sup>4</sup> para o final”. Percebemos na obra de Charlotte Brontë que Jane é a própria narradora da sua história; é ela a responsável por relatar os acontecimentos da sua jornada.

---

<sup>4</sup> De acordo com o Dicionário Online de Português a palavra Diegese significa ação de narrar, de escrever uma história; narração. Extensão da ficção dentro de uma narrativa; refere-se à parte que, dentro da narrativa, é fruto da imaginação ou da invenção do autor, não possuindo correspondência com a realidade do mundo, compondo a realidade da própria narrativa.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Massaud Moisés (1987), no livro *A criação literária: prosa faz um estudo acerca do gênero novela*. Para ele:

A novela, histórica e essencialmente, ocupa situação de relevo menor que o do conto e o romance. Identificada com as manifestações populares de cultura, sempre correspondeu a um desejo de aventura e fuga realizado com o mínimo de profundidade e o máximo de anestésico (MOISÉS, 1987, p. 61).

O autor entende que a novela “ilude e mistifica por obrigar todas as situações a se enquadrarem num andamento acelerado, cheio de pitoresco, que não pode ser o da vida diária” (MOISÉS, 1987, p. 61). Dessa forma, a obra *Jane Eyre* nos apresenta as diversas fases que a protagonista vivencia, de modo envolvente e fascinante.

Segundo Moisés, o primeiro ingrediente estrutural de uma novela é a ação. Nas palavras dele, “a novela é essencialmente multívoca, polivalente” (MOISÉS, 1987, p. 62), ou seja, é uma narrativa que relata muitas coisas, que oferece um leque de possibilidades de interpretação e com muita aventura acontecendo de forma intermitente, uma após a outra. O crítico literário ainda reforça o predomínio da ação quando afirma que a novela “caracteriza-se por desenrolar-se numa geografia fictícia, apenas a servir de cenário para a ação física ou dramática das personagens. E é a ação que importa na novela” (MOISÉS, 1987, p. 65).

Talvez a ação, um dos ingredientes fundamentais da novela, fez com que ela se tornasse um sucesso entre o público leitor nos oitocentos. Pelo seu formato cheio de entretenimento, aventuras e fantasias, a novela passou a ser publicada em partes, ou seja, a cada dia/semana um novo capítulo era apresentado aos leitores, e isto deu origem ao chamado romance/novela em folhetim. De acordo com Silveira, Sangaletti e Wagner (2018):

[...] a palavra folhetim vem do francês *feuilleton*, que deriva de *feuille*, que significa pequena folha. Originário da França, o termo originalmente designava a parte

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

inferior das primeiras páginas dos jornais, destinadas aos textos de entretenimento. A partir de 1836, o termo passou a designar o “romance-folhetim”, ou seja, romances publicados de forma fragmentada em jornais e marcados por uma estratégia de interrupção da narrativa (SILVEIRA; SANGALETTI; WAGNER, 2018).

Dessa forma, a interrupção é um recurso frequente na narrativa folhetinesca, o alternar de episódios faz com que a narrativa nos apresente personagens, cenários e situações diferentes. A intenção é despertar a curiosidade do leitor para as “cenas” do próximo capítulo. Nas palavras de Moisés (1985), o folhetim:

[...] se caracterizava pelo desfiar quilométrico de episódios emaranhadamente convencionais e por um sentimentalismo piegas. Com tais novelas bucólicas e sentimentais da Renascença e o fim da Idade Média, alimentava a imaginação de leitores menos exigentes, assim, cumprindo uma função que hoje é desempenhada pelas novelas de televisão e filmes de *cow-boy* (MOISÉS, 1985, p. 232).

De fato, podemos constatar que a obra *Jane Eyre* é marcada por muita ação por parte de Jane, pois ao longo da sua história ela transita por vários lugares, como, por exemplo: Lowood e Thornfield Hall, convivendo com vários personagens, como as amigas Helen Burns e a professora Temple em Lowood, bem como com os moradores de Thornfield Hall Sra. Fairfax e Sr. Rochester. Em outras palavras, as fases da vida de Jane acabam por prender o leitor que se interessa para saber o desfecho final da história. De acordo com Mirella Silva (2015), o folhetim pode ser visto como um:

[...] gênero que difere sensivelmente na estrutura – variações de tempo, construção de personagens, modulação de pausas, capítulos, descrições – mas que se alinha à tradição do romance em sua essência na origem e nos pontos de repetições fundamentais. Os primeiros registros acerca do folhetim dizem respeito à cidade de

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Paris, na França, no ano de 1836 quando o diretor de jornais Émile de Girardin dividiu a novela espanhola *Lazarillo de Tormes* em partes separadas e publicadas diariamente no *feuilleton*, correspondente ao rodapé das folhas de jornal, geralmente na primeira página (SILVA, 2015, p. 19-20).

Ainda de acordo com a autora, o folhetim “obedece a uma ordem redundante de fixação das personagens, no conjunto de embaraços e resolução de ações, na retomada de enredos entrecruzados e sobrepostos” (SILVA, 2015, p. 23). Ou seja, são situações na narrativa que precisam ser resolvidas, ou que foram interrompidas por algum personagem e isto faz com que cenários/situações/personagens voltem a aparecer novamente na história. Dessa maneira, o leitor consegue “refrescar a memória” e depois seguir com a narrativa. Moisés (1987), dentro dessa perspectiva, entende que:

Nos séculos XIX, proliferaram as infindáveis novelas de folhetins, estampadas nos jornais e depois reunidas em volume. Algumas vezes, a garantia de acolhimento por parte do público, notadamente o feminino, fazia que os editores lançassem as novelas em livro, em vez de fragmentá-las em capítulos semanais ou quinzenais (MOISÉS, 1987, p. 48).

As narrativas folhetinescas ganharam vida de acordo com o crescimento do público leitor. Com isso, surgiram romances/novelas de folhetim para todo tipo de leitor (mulheres, homens, crianças e jovens) e sobre os mais diversos temas, como por exemplo: narrativas sentimentais, de viagens, históricas policiais, modos e costumes. Silveira *et al.* (2018), entendem que os folhetins:

[...] tentaram ilustrar com realismo a emoção e a miséria da condição humana. Tinham várias opções de enredo, que iam das frivolidades a assuntos sérios, de temas particulares a acontecimentos políticos. Quando tratavam de amenidades e da vida da classe média, aproximavam-se do realismo literário. Também faziam um registro

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

da vida cotidiana, algo típico do jornalismo, mas sem a pretensão de perpetuar a verdade, apenas sendo-lhe verossímil (SILVEIRA; SANGALETTI; WAGNER, 2018, p. 49).

Nas palavras de Hauser (1982) “O folhetim dirige-se a um público tão multiforme e recentemente constituído como o melodrama ou o *vaudeville*; rege-se pelos mesmos princípios formais e critérios estéticos que o teatro popular”, que é seu contemporâneo (HAUSER, 1982, p. 895). O *vaudeville* mencionado pelo autor, de acordo com o *Dicionário Cambridge*, era um tipo de entretenimento teatral nos anos 1800 e início dos anos 1900 que incluía música, dança e piadas.

Ainda de acordo com este autor a “significação do romance em folhetim é a de ser uma democratização sem precedentes da literatura e uma redução completa do público que lê, a um mesmo nível” (HAUSER, 1982, p. 896). Neste ponto, entendemos que uma classe social estava em ascensão no momento do surgimento do folhetim, a burguesa. Dessa forma, a burguesia precisa se ver representada nas obras publicadas, já que era ela a responsável pelo grande lucro da imprensa no século XIX. Com a classe burguesa surgiu também um outro estilo/gênero literário, o *Bildungsroman*.

O termo *Bildungsroman* é morfologicamente resultado da justaposição das palavras *Bildung* (formação) e *Roman* (romance), que se traduz comumente na área dos estudos literários como “romance de formação”. Assimilado pela crítica como um acontecimento alemão, o termo *Bildungsroman*, segundo Wilma Maas (2000), representa o “espírito alemão” em seu mais alto grau, firmando-se como um conceito produtivo não só na Alemanha, mas também nas literaturas nacionais de origem europeia e nas mais jovens, como as americanas. Para Jorge Carvalho (2010), o termo *Bildungsroman* começou a ser aplicado a um conjunto de narrativas escritas na Alemanha, a partir de 1750, onde tais narrativas exprimem e confirmam os valores emergentes da burguesia em ascensão.

O *Bildungsroman* foi fundamental para a construção da nação alemã, visto que trazia na sua estrutura elementos auto reflexivos da classe burguesa que queria se ver representada. Nas palavras de Carvalho (2010):

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

O *Bildungsroman* ou romance de formação caracteriza-se, do ponto de vista temático, pela narrativa linear (histórico-diacrónica) do tempo específico e efêmero da vida de um protagonista masculino, habitualmente da classe média, que é o da juventude inupta, em inquietude, instabilidade e insatisfação [...] representado no conjunto de acontecimentos e de experiências marcantes através dos quais se desenvolve a sua autoformação, como indivíduo e como membro do coletivo social (CARVALHO, 2010, p. 132).

Jane Eyre é considerado por alguns teóricos como o primeiro *Bildungsroman* feminino, de fato, já que a narrativa de Brontë se encaixa nas definições desse gênero por retratar as fases de vida da sua protagonista. Jane, apesar de ser órfã de pai e mãe, não era desprovida de recursos, pois a família de sua mãe era rica. Os Reeds, família do seu tio, irmão de sua mãe, com quem morou antes de frequentar a escola Lowood, pertencia à classe média.

O surgimento do *Bildungsroman* está atrelado aos acontecimentos da Alemanha no final do século XVIII, através da consolidação da classe burguesa que passava por uma transição econômica, social e política. Por essa razão o *Bildungsroman* pode ser considerado um gênero da burguesia emergente, já que o termo aborda os conflitos entre o indivíduo e o mundo. Seguindo essa linha de pensamento, percebemos que em Jane Eyre, a protagonista é bem-sucedida em sua jornada apesar dos obstáculos e das injustiças que sofreu durante a sua vida até atingir o seu objetivo.

Do ponto de vista teórico, o termo *Bildungsroman* foi criado em 1810, e usado pela primeira vez numa conferência na Universidade de Dorpat pelo professor de Filologia Clássica, chamado Karl Morgenstern. De acordo com Maas (2000):

A definição inaugural do *Bildungsroman* por Morgenstern entende sob o termo aquela forma de romance que "representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade". Uma tal

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

representação deverá promover também "a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance" (MAAS, 2000, p. 20).

Por se tratar de uma representação, o jovem leitor da classe média burguesa se deparará com personagens no *Bildungsroman* que se assemelham a ele. Além disso, o *Bildungsroman* trouxe a beleza estética da arte, que impulsionava nos jovens a sua ascensão moral, juntamente com o enriquecimento cultural e especialização das faculdades espirituais e intelectuais. Em Jane Eyre nos deparamos com o retrato da Inglaterra no período vitoriano e o comportamento da sociedade daquela época. Nas palavras de Maas (2000):

A palavra *Bildungsroman* conjuga, portanto, dois termos de alta historicidade no contexto alemão e mesmo europeu. Por um lado, a incipiente classe média alemã movimenta-se em direção à sua emancipação política, processo que se reflete na busca pelo auto aperfeiçoamento e pela educação universal. A par disso, cristaliza-se o reconhecimento público de um gênero literário voltado para a representação do próprio ideário burguês, gênero esse que o século XIX irá conhecer como a grande forma do romance realista (MAAS, 2000, p. 23-24).

Ou seja, o *Bildungsroman* vem falar sobre o homem comum e a busca pelo seu lugar no mundo através do seu auto aperfeiçoamento; com isso, o termo torna-se expressão direta das atitudes da burguesia. A personagem Jane, desde o início de sua história, mostra-se insatisfeita, incompreendida e deslocada. Primeiro na casa dos Reeds, pelos maus-tratos que sofria pela tia e pelos primos, em seguida em Lowood, escola com um regime severo e autoritário sob o comando do clérigo Brocklehurst e depois na mansão de Rochester após a descoberta de seu segredo. Dessa forma, Jane sempre foi em busca de vencer por todos os percalços que foram aparecendo durante a sua vida. Carvalho (2010) expõe a definição feita por Dilthey sobre o *Bildungsroman*:

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

[...] é a narrativa da modelagem de carácter de um jovem num desenvolvimento regular e harmonioso da sua personagem, no qual cada fase tem, sucessivamente, um valor específico, até alcançar o grau último onde se conjugam o material e o espiritual na totalidade do ser (CARVALHO, 2010, p. 95).

Ou seja, a história finaliza com os princípios e os valores do herói sendo exaltados, o que faz com que o protagonista ocupe uma nova posição na sociedade. Fazendo um paralelo com a história de Jane Eyre, a jovem termina o livro casada com o Sr. Rochester e alcança um desejo pelo qual lutou a maior parte de sua vida, que foi tornar-se uma mulher financeiramente independente e casada por escolha própria. Outro autor que apresentou uma definição para o *Bildungsroman*, onde coloca como foco o processo gradual de conhecimento e aperfeiçoamento do personagem foi Aguiar e Silva (1991), para quem:

O romance que narra e analisa o desenvolvimento espiritual, o desabrochamento sentimental, a aprendizagem humana e social de um herói. Este é um adolescente ou um jovem adulto que, confrontando-se com o seu meio, vai aprendendo a conhecer-se a si mesmo e aos outros, vai gradualmente penetrando nos segredos e problemas da existência, haurindo nas suas experiências vitais a conformação do seu espírito e do seu carácter (AGUIAR E SILVA, 1991, p. 730).

Voltando a fazer ligação com a obra de Brontë, entendemos que apesar das agruras pelas quais enfrentou, Jane revela-se uma personagem extremamente fiel a suas convicções, deixando muitas vezes o que sente de lado, optando guiar-se pela razão, não agindo, assim, contra os seus princípios. Exemplo disso foi no momento em que Jane descobre que Rochester tinha uma esposa e mesmo sabendo que ele tinha sentimentos por Jane, pela circunstância, a jovem optou por abandoná-lo por acreditar que agia de forma correta, uma vez que ela não queria ser vista como uma amante.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Dessa forma, entende-se que o *Bildungsroman* conta a história de vida de um herói que sofre as dores do mundo, vítima de injustiças humanas ou do próprio destino, mas que, insatisfeito com a ordem das coisas, parte em busca de novas perspectivas. O protagonista de um romance de formação nunca é o mesmo ao longo de sua narrativa, pois ele sempre tende a crescer (humana e intelectualmente) ao longo de sua jornada. Todas as lições, dilemas e conflitos tornam-se peças necessárias para que o personagem se transforme em alguém mais rico em experiências e reflexões.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Jane Eyre* percebemos ao longo da narrativa a construção dessa personagem, da sua infância, passando pela adolescência até atingir sua maturidade. Por Jane ser a própria narradora da sua história, ao longo da narrativa conhecemos a sua personalidade, sua fisionomia, modo de pensar e agir e a sua crença e princípios. Durante a narrativa, o leitor consegue acompanhar a evolução e o desenvolvimento dessa heroína até o seu desfecho final.

Dessa forma, entendemos que o romance de Charlotte Brontë se mostra leve ao conter em seu enredo: uma narrativa unilinear (ou seja, clara, direta e simples), onde o elemento ação se faz presente nas diversas fases que a personagem vivencia; Jane também é levada a encarar a realidade cruel que lhe é submetida nos primeiros anos de sua vida para ao final da história sair vitoriosa; o romance contém elementos culturais da época da Inglaterra Vitoriana, todos esses pontos são características do gênero novela que aliado ao gênero folhetim indicam que a obra também não era complexa, portanto, os episódios/fases da vida Jane transcorrem de modo fluido, sem exigir muito do leitor, e retratam de modo realista a condição da mulher da classe média do século XIX.

Apesar de expor leveza em sua narrativa, a obra também se apresenta pesada, ao enquadrar o *Bildungsroman* como parte de uma das características do romance. Compreendemos que o romance tem um tom mais forte ao retratar o conflito interno/externo do indivíduo com o mundo e com si próprio, através das escolhas que são tomadas e desafios impostos ao longo da jornada. A narrativa,

## ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

considerada um *Bildungsroman* feminino, serve de exemplo (para o leitor) ao mostrar a boa índole da personagem principal e sua crença em Deus e nos princípios da Igreja; o seu enriquecimento cultural, espiritual e intelectual se desenvolvendo durante a narrativa. Jane se mantém firme nos seus propósitos e naquilo que acredita ser o certo a fazer, e com isso finaliza sua história tendo êxito e conquistando um novo lugar na sociedade. É através desses meios que compreendemos que a narrativa muda de algo simples, direto e claro (leve) para se tornar em alguns momentos forte, intenso e profundo (pesado).

### REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1991.
- ALVES, Elis Regina Fernandes. **A dubiedade da protagonista em *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë.** *RECH-Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar*. Ano 4, Vol. VI, Número 1, Jan-Jun, 2020, p. 300-321.
- BENNET, E. K. *A History of the German Novelle*. From Goethe to Thomas Mann. Cambridge: University Press, 1934.
- BRONTË, Charlotte (1816-1835). *Jane Eyre*. Tradução e prefácio de Heloísa Seixas. 5. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

CAMARGO, Mônica Hermini de. **Versões do feminismo: Virginia Woolf e a estética feminista**. 2001. Dissertação de (Mestrado em Estudos Literários) Departamento de Letras Modernas da Universidade São Paulo –USP.

CARVALHO E SILVA, Carmelinda Carla. **Escrita feminina e autorepresentação em Jane Eyre, de Charlotte**. Revista Cacto: Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinariedade Online. V.1 N. 1 2021.

CARVALHO, Jorge Vaz de. **Jorge de Sena: Sinais de Fogo como romance de formação**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

DICIO. Dicionário Online de Português. **Diegese**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/diegese/>. Acesso em: 21/06/2022.

FRASER, Rebecca. **Charlotte Brontë: a writer's life**. New York: Pegasus Books, 2008.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **A dialogue of self and soul: Plain Jane's Progress**. In: GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The woman writer and the 19th century imagination**. New Haven: Yale University Press, 2000, p. 336-371.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.

KURTZ, Karina Moraes. **As nuances de Brontë: o romance de formação e a tessitura da identidade de Jane Eyre**. Santa Maria-RS: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020. (Dissertação de Mestrado).

## ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

LIMA, Danielle Dayse Marques de. **Jane Eyre: Drama e Tragédia no Romance de Charlotte Brontë**. João Pessoa: PPGL/UFPB, 2008. (Dissertação de Mestrado).

MAAS, Wilma Patrícia. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: UNESP, 2000.

MOISES, Massaud. **A criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 1987.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

SILVA, Mirella Priscila Izídio da. **Além das fórmulas: um estudo da estrutura folhetinesca e não folhetinesca no romance A Emparedada da Rua Nova**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2015.

SILVEIRA, Guaracy Carlos da; SANGALETTI, Letícia; WAGNER, Cristina. **Introdução ao jornalismo**. Porto Alegre: SAGAH, 2018.

SOARES, Angélica. O texto, a teoria. In: SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios).